SABERES E PRÁTICAS DE ENSINO DE HISTÓRIA

Introdução

Vamos aos estudos do Módulo, refletindo com você sobre a importância dos saberes históricos para a formação do educando e para a nossa sociedade. Ainda é comum em muitas de nossas escolas o desinteresse e até mesmo a apatia dos alunos durante as aulas de História. Muitos professores já ouviram de seus alunos afirmações do tipo: "não fazemos parte da História" ou "A História não serve para nada", "O importante é estudar Português, Matemática" e por aí a fora. Aliás, muitas dessas idéias são compartilhadas por alguns colegas, professores e pais. Daí questionarmos: mas por que isso ainda ocorre em nossas escolas? Por que o ensino de História torna-se, muitas vezes, tão desinteressante e desvalorizado entre nós? Você certamente já pensou e estudou sobre esse assunto. Precisamos lutar por outras histórias no ensino de História!

Como abordamos no Módulo I, vivenciamos no Brasil um intenso debate sobre o ensino de História. Muitas propostas de renovação das metodologias, dos temas e dos problemas de ensino têm sido incorporadas em salas de aula. Como você sabe, durante os anos 1960, 70 e até 1980 do século passado, História e Geografia foram ensinadas juntas nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e, em algumas escolas, em todas as séries. Houve uma fusão dos conteúdos na disciplina denominada Estudos Sociais.

Apesar da fusão e das mudanças curriculares, é importante registrar que a História e a Geografia estudam aspectos específicos da realidade e do conhecimento. Por isso, durante os anos 1990, as disciplinas foram desmembradas e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados e publicados pelo MEC em 1997, indicam o estudo dos conhecimentos históricos e geográficos.

As duas disciplinas têm em comum uma preocupação fundamental que iremos dividir com você: é preciso compreender o mundo, para que nele possamos viver melhor! A História nos auxilia nessa tarefa. Ela é fundamental para a formação da consciência histórica do educando, para a formação do cidadão. Por isso, convidamos você a estudar nesse texto os princípios do ensino de História. Em outras palavras: o que, por que, para que e como se estuda a História nos primeiros anos de escolaridade?

O texto pretende estabelecer um diálogo com você sobre a História, possibilidades de ler, interpretar e ensinar História nos primeiros anos da educação básica. Desejamos contribuir de forma significativa para a re/construção dos saberes e das práticas pedagógicas em História. Os saberes históricos em diálogo com os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e curriculares possibilitarão a reflexão de nossa prática, o repensar do nosso ofício! Por isso, desafiamos você a trilhar junto com seus colegas mais esse caminho!

OBJETIVO ESPECÍFICO DESSE MÓDULO:

Caracterizar as diferentes abordagens teórico-metodológicas recorrentes no debate acadêmico e nas práticas de ensino de História nas séries/anos iniciais da educação básica no contexto escolar brasileiro.

2.1. O que é História? Como a História é construída?

Vamos iniciar nosso diálogo conversando sobre a História. Você conhece esta canção? Leia, cante e reflita. Se for possível ouça-a. Você conhece os compositores?

Canción por la unidad latinoamericana

Composição: Pablo Milanês e Chico Buarque

E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

Quem vai impedir que a chama
Saia iluminando o cenário
Saia incendiando o plenário
Saia inventando outra trama

(http://chico-buarque.letras.terra.com.br)

Muitos jovens não conhecem essa canção, composta por dois importantes artistas, um cubano e um brasileiro, gravada em 1978. Certamente, muitos de vocês não eram nascidos. Para as novas gerações, a citação dos trechos dessa canção pode parecer saudosismo, símbolo de uma época, de uma efervescência política que não tem retorno. Entretanto, ela nos faz relembrar a importância da história na vida e na luta de um povo, como algo vivo que acena, balança, ilumina, incendeia, também atropela, abre novos espaços, risca novas trilhas, inventa outras tramas. A história não é algo abandonado, parado à beira de uma estrada ou em uma estação. A história é movimento, transformação, contradição, diferença. Por isso, falamos em historicidade, ou seja, em processo da vida humana, em dinâmica da experiência humana no tempo e no espaço. Lembrando o historiador Rusen, "o termo 'vida' designa, obviamente, mais do que o mero processo biológico, mas sempre também – no sentido mais amplo da expressão – um processo social" (2001, p.58). O autor ainda acrescenta que, quando falamos em processo "histórico", significa que o passado, a experiência é interpretada e essa interpretação, essa construção, passa a fazer parte da nossa cultura.

Estamos vivenciando o retorno da História ao currículo dos anos iniciais. Mas, o que é História? Como a história é construída? Quais concepções de História chegam às salas de aula e são mais difundidas entre nossos alunos? Por que em muitas de nossas escolas, a História continua desvalorizada, em especial, nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Pare, pense, tente se lembrar de coisas que você já aprendeu e viveu. O que você sabe é muito importante! Vamos relembrar o conceito de História!

Para você: O que é História?

Para nós a História é o estudo das ações humanas no passado e no presente. A história busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, nos diferentes tempos e do espaços. Ela nos possibilita pensar as experiências sociais como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens. O estudo da História é fundamental para que possamos compreender o movimento e a diversidade, possibilita-nos estabelecer comparações entre grupos, sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a História ensina a se ter respeito pela diferença e contribui para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver. Assim, a História é essencialmente formativa.

FIGURA 5: Biblioteca pública, Bento Gonçalves, RS

Fonte: http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/sites/6700/6728/Noticias2008II/BibliotecaPublica.gif

FIGURA 6: Pessoas no museu, Illinois, Chicago

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chicago_Illinois_-_Sue_the_TRex-_Field_Museum2.jpg

FIGURA 7: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Unicamp_BC.jpg

FIGURA 8: Manifestação cultural no Brasil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Berlin_Karneval.jpg

FIGURA 9: Reunião do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Fonte: http://www.rolimdemoura.ro.gov.br/img/noticias/ibge.jpg

FIGURA 10: Coleta de dados do censo, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Fonte: http://www.aen.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/7702/normal_IBGE1.jpg

FIGURA 11: Funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE na rua, em coleta de dados para o censo

Fonte: http://www.tocosdomoji.mg.gov.br/files/ibge.jpg

Mas como essa história é registrada, escrita e transmitida para as várias gerações? A resposta a essa pergunta está na explicação do oficio do historiador e das fontes que ele utiliza.

Como já discutimos todas as pessoas fazem história o tempo todo, em todos os lugares! Não é mesmo? Pense na sua história de vida! Na história de sua comunidade, de sua família, de sua cidade! De onde você veio? E a sua família de onde veio? Em quais lugares você já viveu? Como eram esses lugares? O que mudou? O que permaneceu? Quais as principais transformações que ocorreram em sua vida e nos espaços em que viveu? Mas para responder a essas perguntas e escrever a sua história, é necessário pesquisar, relembrar, conversar com pessoas, rever fotos, diários.

É assim que ocorre na pesquisa em História. O historiador investiga, faz um levantamento das fontes históricas, analisa-as e escreve a história. É por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas idosas, de fotografias, objetos e roupas que obtemos informações sobre o real vivido por homens e mulheres nos diversos tempos e espaços. Portanto, todos os registros e as evidências das ações humanas são fontes de estudo da História. O historiador analisa as fontes, as evidências e produz os conhecimentos históricos. Veja, a história - experiência humana - torna-se objeto de investigação do historiador que a transformsa em conhecimento histórico.

Atividade Complementar

a) Elabore uma lista contendo 10 (dez) tipos de registros sobre as evidências da história de sua localidade que podem ser utilizadas na produção do conhecimento histórico pelo professor dos anos iniciais na sala de aula.

b) Registre:

- O que estuda a História? Qual a sua importância?

Observe as imagens a seguir:

FIGURAS 12: Objetos do Museu de Berlim

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Misc_objects_Egyptian_museum_Berlin_(3).jpg

FIGURAS 13: Documentos

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Documentos_del_AHP_de_Cuenca.jpg

FIGURAS 14: Mapa político brasileiro

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Political_Map.svg

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

TÍTULO ELEITORAL

NOME DO ELEITOR

NOME DO ELEITOR (COMPLETO E POR EXTENSO)

DATA DE NASCIMENTO Data (DD/MM/AAAA)

Nº INSCRIÇÃO 3332 1471 0141 D.V. 71

ZONA 001

SEÇÃO 0110

MUNICÍPIO / UF SAO PAULO/SP

DATA DE EMISSÃO Data (DD/MM/AAAA)

JUIZ ELEITORAL

VÁLIDO SOMENTE COM MARCA D'ÁGUA - JUSTIÇA ELEITORAL

FIGURA 15: Título Eleitoral Brasileiro

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:TituloeleitorBrasil_modelo.jpg

FIGURA 16: Livro brasileiro infantil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joao_V%C3%ADtor.jpg

FIGURA 17: Livro

Fonte: Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas / Autora Selva Guimarães Fonseca, org.— Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

FIGURA 18: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada.* Campinas, SP: Papirus, 1993. – (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FIGURA 19: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. *Fazer e ensinar História.* Belo Horizonte: Dimensão, 2009. 296p.

FIGURA 20: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Ensino de História*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FIGURA 21: Livro

Fonte: Brasileiro, Jeremias. (1959). Cultura Afro-Brasileira na Escola: o congado em sala de aula. Jeremias Brasileiro – Uberlândia, 2009. 64 p.

FIGURA 22: Livro

Fonte: SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido.* Campinas, SP: Papirus, 2007. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FIGURA 23: Livro Lei de diretrizes e bases da educação nacional

Fonte: Brasil. [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)]. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9394/96 / apresentação Carlos Roberto Jamil Cury; Edição Antônio de Paulo. 10. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (Legislação brasileira; 7. Série A)

FIGURA 24: Livro

Fonte: Estatuto da Criança e do Adolescente. (CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Campinas). 12ª Ed. SP. 2003.

FIGURA 25: Passaporte Brasileiro

Quando discutimos o que é história, os registros, as fontes perguntamo-nos como escrever, contar, ler, interpretar, estudar, ensinar e aprender conhecimentos históricos, não é mesmo? Para compreender melhor esse processo vamos voltar ao passado. Perguntamos como a história tornou-se disciplina escolar? Quais são as principais abordagens que norteiam as práticas educativas do ensino da disciplina?

2.2. Diferentes histórias, múltiplas interpretações

A história das disciplinas escolares registra que a História e a Geografia passaram a ser consideradas ciências, tornaram-se disciplinas escolares, no século XIX, na Europa. Isto é, foram introduzidas nas escolas e nas universidades para serem ensinadas aos alunos e investigadas pelos pesquisadores. Desde então, é possível identificar diferentes maneiras de construir, interpretar e ensinar a História. As abordagens mais conhecidas e mais presentes no ensino podem ser agrupadas em duas grandes correntes conhecidas como "história tradicional" e "história nova". Uma análise mais aprofundada dos livros e materiais didáticos e mesmo nas produções escolares revela a presença de outras perspectivas, como, por exemplo, o materialismo histórico e dialético.

A história tradicional, conhecida também como positivismo histórico, dominou o século XIX, sendo discutida, questionada e transformada ao longo do século XX. Desse movimento de críticas e diálogo nasceu e desenvolveu-se na França, a partir da Escola dos Annales, nos anos 1920-30, a chamada "nova história". A história tradicional positivista privilegiava como fontes de estudo, sobretudo, os documentos oficiais e não oficiais escritos (leis, livros), também valorizava os sítios arqueológicos, as edificações e os objetos de coleções e de museus como moedas e selos. Os sujeitos históricos, protagonistas, são as grandes personalidades políticas, religiosas e militares, reis, líderes religiosos, generais, grandes empresários. Enfim, são atores individuais, heróis que, geralmente, aparecem como construtores da história. Assim, podemos afirmar que a chamada história tradicional estuda os grandes acontecimentos: diplomáticos, políticos e religiosos do passado. Privilegia o estudo dos fatos passados que são apresentados numa seqüência de tempo linear e progressiva. Muitas vezes, a pretensão de transmitir a "história universal", como difundida pelo ensino tradicional, na prática, era um modo de excluir e silenciar outras histórias.

Nessa perspectiva, a história dos povos, as experiências humanas, os fatos históricos deveriam ser tratados de forma objetiva a partir dos documentos oficiais. Por isso, o conhecimento histórico escolar

era, basicamente, uma história política, factual, heróica que foi extremamente marcante no ensino e nos materiais didáticos nas escolas brasileiras durante todo século XX.

No Brasil, o ensino fundamental, em especial as séries/anos iniciais, tornou-se o espaço privilegiado para imposição das histórias dos grandes homens, das datas comemorativas, dos feitos dos heróis, veiculadas por meio dos livros didáticos e dos currículos oficiais, de modo especial, na versão "Estudos Sociais". O objetivo, como vimos no Módulo I, durante a Ditadura Militar, era introjetar a ideologia das elites dominantes em nossas crianças e jovens, não lhes possibilitando o exercício da crítica e da reflexão histórica em nossas salas de aula. Você se lembra o que e como estudou História quando cursou as séries iniciais? Compare.

Atividade Complementar

Apresentamos, a seguir, a letra de um samba bastante conhecido pelo povo brasileiro.

Samba do Crioulo Doido

Foi em Diamantina
Onde nasceu JK
Que a Princesa Leopoldina
Arresolveu se casa
Mas Chica da Silva tinha outros pretendentes
E obrigou a princesa a se casá com Tiradentes
Lá iá lá iá lá iá...... O bode que deu vou te conta
Joaquim José
Que também é
Da Silva Xavier
Queria ser dono do mundo
E se elegeu Pedro Segundo.....

Das estradas de Minas seguiu pra São Paulo
1.1.1.1.1.1 E falou com Anchieta
1.1.1.1.1.2 O vigário dos índios aliou-se a D. Pedro a acabou com a falseta
Da união deles ficou resolvida à questão
E foi proclamada a escravidão....

Assim se conta a História
Que é dos dois a maior glória
A Leopoldina virou trem
1.1.1.1.1.3 E D. Pedro é uma estação também
Ô, ô, ô, ô, ô.... O trem tá atrasado ou já passou.......

(Compositor: Sérgio Porto,Extraído de: QUARTETO EM CY EM C MAIOR (disco). Quarteto em CY, Rio de Janeiro, Elenco, 1968.)

Após a leitura do texto apresentado, pense e responda as seguintes questões:

a) É possível identificar a história cantada pelo sambista? Por quê?

b) Qual a relação dessa história cantada no samba com a história tradicional ensinada no Brasil?

Como já afirmamos, a partir do inicio do século XX, intelectuais franceses da chamada Escola de Annales, estabeleceram um diálogo crítico e de oposição a essa concepção, abandonando algumas posições, incorporando outras e fundamentalmente, transformando a forma de pesquisar e estudar a história. Desde então, as diversas gerações de historiadores que os sucederam passaram a defender uma história "problema", mais plural, democrática que levasse em conta os feitos de toda a sociedade. Essa nova concepção de História, a chamada "história nova" ampliou as fontes de estudo e pesquisa, passando a utilizar também as fontes orais (entrevistas, depoimentos, narrativas), fontes audiovisuais, como, por exemplo, fotografias, discos, filmes, programas de televisão. (Vieira, 2007). Além de obras de arte como pinturas e esculturas. Tudo aquilo que é registro da ação humana passou a ser considerado fonte da história. Logo, todos os homens e mulheres, ricos e pobres, pretos, índios, brancos, governantes e governados, patrões e empregados são sujeitos da história. A história não é feita apenas por atores individuais, mas também por movimentos sociais, pela classe trabalhadora, pelos militantes, etc.

Veja as imagens abaixo e perceba que nelas há a demonstração do como: **A história é construída por toda a sociedade.**

FIGURA 26: Manifestação cultural

Fonte: http://www.sxc.hu/photo/582435

FIGURAS 27: Figuras de barro Entrada do Espaço Cultural Tancredo Neves, Caruaru - PE

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caruaru-figuras-de-barro.jpg

FIGURAS 28: Festa religiosa no Brasil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Religious_Festivity_-_Tiradentes_-_Brazil.jpg

FIGURAS 29: Festa popular no Brasil – Grupo de capoeira

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joao_pequeno.JPG

Essa nova história preocupa-se também com os acontecimentos do cotidiano da vida humana, ligados à vida das famílias, às festas às formas de ensinar e aprender. Enfim, essa abordagem de fazer história ocupa-se de tudo aquilo que homens e mulheres fizeram no passado e também faz no tempo presente. Ela reconhece que há várias formas de marcar e viver o tempo. Os vários tempos convivem e o homem usa vários calendários. Portanto, a história nova não estuda apenas os fatos passados apresentados de forma linear, mas a história nos diversos ritmos, tempos e espaços.

FIGURAS 30: Objetos de arte

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Objects_of_Art_in_Rembrandt_House-Museum.jpg

FIGURA 31: Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, MG

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nu_Agusto.jpg

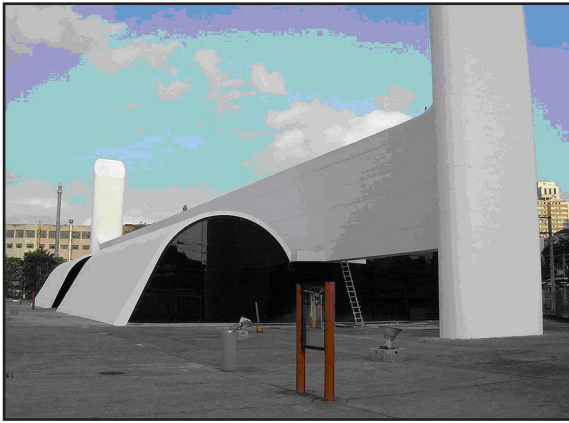
FIGURA 32: Indígena

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xucuru.jpg

FIGURA 33: Museu Histórico do Mati, Campo Largo, PR

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ApetrechosMateSeculoXIX.JPG

FIGURA 34: Biblioteca Victor Civita, São Paulo, SP

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bibliotecavictorcivita.jpg

Os pesquisadores brasileiros, especialmente nas últimas décadas do século XX, se inspiraram nesse movimento. (Boschi, 2007) Por caminhos distintos, os historiadores brasileiros assumiram a possibilidade do alargamento dos conceitos de história e de fontes históricas. Assim temas, até então negligenciados, passam a ser objeto de investigação. A história social, dos operários, das mulheres, do cotidiano, da educação, da sexualidade, dos negros, por exemplo, passaram a fazer parte dos nossos estudos. Fontes como a literatura, música, obras de arte, cinema, TV e outros passaram a compor o universo de pesquisa dos historiadores. Assim, podemos dizer que um dos principais vieses de renovação da historiografia brasileira foram, nesse período, basicamente, a ampliação de temas, fontes e problemas. Os filmes são importantes fontes da história.

Sugestão de filme

Sessão de cinema. Sugerimos assistir e discutir com os colegas:

Narradores de Javé
Titulo original: (Narradores de Javé)
Lançamento: 2003 (Brasil)
Direção: Eliane Caffé
Atores: José Dumont , Matheus Nachtergaele , Jorge Humberto e Santos , Gero Camilo , Nélson Dantas
Duração: 100 min
Gênero: Drama

Sinopse: Somente uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé. É aí que eles se deparam com o anúncio de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica. Em resposta à notícia devastadora, a comunidade adota uma ousada estratégia: decide preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heróicos de sua história, para que Javé possa escapar da destruição. Como a maioria dos moradores é analfabeta, (são analfabetos) a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias. (site: http://www.adorocinema com/filmes/narradores-de-jave)

– Depois de assistir ao filme. Vamos refletir sobre ele?

Para isso indico as seguintes perguntas:

- Gostou do filme?

- Quais as relações entre o filme e o nosso tema de estudo?

- Na atualidade é possível evidenciar diferentes modos de investigar e interpretar a história. Você deve estar se perguntando: essa história democrática e problematizadora, em oposição ao positivismo histórico, passou a ser ensinada nas escolas de Ensino Fundamental?

- Não há uma distância entre as histórias produzidas e discutidas na Universidade e na escola? A resposta a essa pergunta não é simples. Como afirmamos, anteriormente, no Brasil, nesse período, é possível constatar múltiplas abordagens Em diferentes realidades e momentos históricos uma ou outra abordagem se fez mais presente que outra no ensino.

- Quando você cursou o ensino fundamental e médio, qual das duas abordagens analisadas era mais presente nos livros e no ensino de História? Tente se lembrar!

Atividade Complementar

Reflita e descreva, com suas próprias palavras, as principais características das abordagens da História discutidas no texto

A história construída por nós, no cotidiano, faz parte de um todo. Um coletivo. Não é? Ninguém faz história sozinho. A construção humana é complexa e dinâmica. Os conhecimentos históricos nos permitem ir além do que podemos ver, aos lugares e épocas distantes em busca de explicações, comparações e referências. No entanto, em muitas realidades escolares, ainda prioriza-se o ensino do que está muito distante de nós, que não tem nada a ver com as nossas vidas, de forma simplista e factual. Como podemos mudar essa situação? Certamente um dos caminhos é renovando, cotidianamente, nossas práticas dentro e fora da escola. Professores e alunos são sujeitos da história e do conhecimento. É procurando agir como cidadãos, sujeitos da história e do conhecimento! Isso pressupõe um diálogo crítico com as concepções de educação, história, ensino e aprendizagem. Por

exemplo, os professores escolhem, selecionam os livros didáticos de História que desejam receber do MEC pelo PNLD – Programa Nacional do Livro Didático (2009). Trata-se de um exercício interessante e importante, uma vez que os professores podem, a partir de critérios bem definidos, fazer uma opção por uma ou outra proposta de ensino de História.

No estudo da História é importante estarmos atentos para as mudanças, continuidades e também para as transformações menos perceptíveis da história, uma vez que a experiência humana se manifesta não apenas na natureza política da luta de classes, nos grandes feitos, mas também como sentimentos, valores e imagens. Não temos que estudar, compreender, e ensinar toda a história da humanidade. Tarefa impossível, não acha? Mas, podemos buscar possibilidades, formas de registro e compreensão da história, a partir de qualquer tema ou objeto do nosso cotidiano. A produção do conhecimento histórico, nos últimos anos, especialmente, os estudos da nova história têm avançado, enormemente, no processo de ampliação dos temas, das fontes, dos problemas e abordagens de estudo da História.

Reflita sobre as afirmações a seguir e tente relacionar com o conteúdo.

"As transformações sociais menos perceptíveis têm valor para a História".

"Os conhecimentos históricos nos permitem ir além do que podemos ver, aos lugares e épocas distantes em busca de explicações, comparações e referências".

2.3. Modos de ensinar História

Reconhecemos que esse título é bastante pretensioso, pois nesse espaço textual não é possível registrar a complexidade e a riqueza de modos de ensinar História nos primeiros anos de escolarização. Nossa pretensão, aqui, é introduzir a discussão sobre metodologias de ensino. Nos próximos módulos e nas sugestões de leituras você terá oportunidade de aprofundar e ampliar seus conhecimentos nesse campo. Inicialmente é importante registrar que tradicionalmente, no Brasil, nos primeiros anos do ensino fundamental, o peso da história tradicional foi muito forte. Por quê? Por várias razões. Mas, talvez o mais importante seja o fato de ter se consolidado, entre nós, uma concepção de História, compartilhada por pais, alunos e muitos professores, identificada, muitas vezes, apenas com grandes feitos dos heróis, com as comemorações cívicas. Isso dificultou a incorporação de novos campos temáticos, de novos problemas e fontes. Uma única história, muitas vezes, era transmitida como a verdade histórica, quando bem sabemos que é apenas uma versão. No entanto, nos últimos anos está ocorrendo um movimento de renovação, e a nova história social e do cotidiano está, cada vez mais, presente na sala. Esse processo de mudanças depende, fundamentalmente, de nós, professores.

FIGURA 35: Crianças realizando a Provinha Brasil, Curitiba, PR, 30/03/2009

Fonte: http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/Multimidia/Imagem/FotoAmpliada/1564.jpg

Do movimento historiográfico e educacional nas últimas décadas do século XX e primeira do século XXI, é possível apreender uma nova configuração do ensino de História. Coexiste, no Brasil, uma diversidade de formas de se ensinar e aprender História, mesmo considerando existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos sistemas nacionais e estaduais de avaliação da aprendizagem

e de padronização dos critérios de avaliação dos livros didáticos. É interessante observar que num contexto de homogeneização curricular consolidou-se, entre nós, uma pluralidade de concepções teóricas, políticas, ideológicas e metodológicas no ensino de História desenvolvidas nas redes pública e privada, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

O sistema educacional brasileiro é diverso e plural. No interior dessa diversidade, é possível destacar algumas perspectivas comuns trilhadas pelas histórias ensinadas. Digo "histórias" no plural, pois não se trata mais de uma única história, verdade absoluta, pronta e acabada. Trata-se de uma abordagem que valoriza a história temática e multicultural. Essa é uma perspectiva que valoriza os diversos sujeitos, ações históricas. Uma história não excludente, democrática. Isto é evidente não só nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), nos textos curriculares das escolas, nos novos livros didáticos avaliados e aprovados pelo PNLD/MEC (2009), como também na prática cotidiana dos professores. São, dentre outros, os vieses de renovação que mais se destacam nas propostas de ensino de História.

Consideramos importante a introdução de novos temas, novas metodologias. No entanto, lembramos que aquilo que o professor ensina e deixa de ensinar, bem como aquilo que o aluno aprende e deixa de aprender, vai muito além do que está "prescrito" nos currículos e nos livros didáticos. É preciso auscultar o currículo vivido (Goodson, 1995) que é re/construído no cotidiano escolar. Nesse sentido, a linguagem dos professores, os exemplos que utilizam, suas atitudes com os alunos de diferentes culturas e níveis sociais, as relações entre os alunos, as formas de agrupá-los, as práticas de jogo e brinquedo fora da sala de aula, os estereótipos e preconceitos que, algumas vezes, são transmitidos, constituem historicamente mecanismos de seleção e exclusão. Por exemplo, a obrigatoriedade legal do estudo da cultura afro-brasileira e indígena está sendo cumprida, incorporada à prática de ensino de História? Portanto, a postura do professor, a forma de se relacionar com crianças de diferentes meios sociais e culturais têm uma importância central nesse processo. Você já observou como um pequeno gesto do professor, algumas vezes, afeta de maneira diferente os alunos?

O que você entendeu por "história temática e multicultural"?

Nessa perspectiva, defendemos alguns pressupostos metodológicos para o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. Esses princípios foram construídos ao longo de nossa experiência com o ensino e a pesquisa em ensino de História. (Fonseca, 2009).

Desde o inicio da escolarização da criança, defendemos o desenvolvimento das noções de sujeito histórico, identidade, sociedade, cultura, trabalho, poder e História. Nossa concepção de educação e ensino de História compreende e defende a formação do educando como um processo amplo, em que a socialização e a aprendizagem de noções históricas se iniciam na socialização anterior à etapa escolar e prosseguem ao longo desse processo de desenvolvimento, no interior de diferentes espaços educativos. A escola não constitui o único e exclusivo espaço de formação da identidade, de educação histórica. Portanto, faz-se necessário estabelecer, na e por meio da relação de ensino e aprendizagem, um diálogo com os diversos ambientes sociais de formação histórica, como museus, arquivos, bibliotecas e outros cenários ambientais e arqueológicos. Assim, a aprendizagem histórica pode ser ampliada e enriquecida.

No processo de ensino, as noções e os múltiplos saberes dos alunos podem ser incorporados e desenvolvidos nas situações e estratégias de aprendizagem de História na escola. A historicidade, o caráter construtivo e aberto dos espaços (como, por exemplo, a escola e o seu entorno), dos grupos sociais, das noções e conceitos pode embasar e permear as práticas pedagógicas do professor, sujeito mediador do processo. Portanto, o desenvolvimento dessas noções se dará a partir do diálogo entre os sujeitos, os saberes e as práticas nos diferentes espaços educativos.

A exploração das noções de tempo e espaço proporciona a percepção dos diferentes ritmos e temporalidades: o passado, o presente, o futuro; as noções de sucessão, duração, ordenação, simultaneidade; as transformações e as permanências no processo histórico. As noções espaciais e temporais são chaves para a compreensão das ações humanas, pois o tempo é entendido aqui não como algo vazio, congelado, natural, que submete o homem. É um tempo preenchido de ações que está sempre em movimento, que manifesta diferenças, semelhanças, transformações, continuidades e contradições. O espaço é construído pelos homens que, através do trabalho, transformam a natureza, modificam o meio, a paisagem e produzem os meios necessários à sua sobrevivência. Portanto, o espaço é uma construção histórica de homens e mulheres na dinâmica das relações sociais, de trabalho, políticas, econômicas e culturais.

Ensinar história implica ajudar o aluno a compreender a história como uma construção de múltiplas leituras e interpretações. Esse princípio pressupõe a reflexão permanente sobre o conhecimento histórico, combatendo os maniqueísmos, os vieses heroicos das vozes dominantes da cidade, da região ou do país que perpassam, algumas vezes, os saberes escolares. Nesse sentido, acreditamos que não há espaço para simplificações, para a imposição de uma única e determinada versão, ou de preconceitos sobre a família e a escola, ou de mitos e estereótipos políticos, associações e grupos que fazem parte da realidade da criança. Compete ao professor explorar a diversidade de ações, os múltiplos sujeitos e as diferenças e desigualdades que permeiam a sociedade brasileira, assim como as distintas visões. Isso deve permitir o confronto e o debate em sala de aula. A incorporação, em sala de aula, de textos de diferentes autores, por exemplo, de modo a expressar contradições e diferenças, contribuirá para o debate com diversas visões a respeito das questões em estudo.

A organização temática do ensino História propicia a ampliação e a compreensão da historicidade das ações, a diversificação de registros e fontes e o trabalho inter e transdisciplinar em sala de aula. O estudo de História, quando não limitado e organizado por datas, períodos históricos e fatos políticos considerados mais importantes alargam o campo de estudo para abarcar as diversas dimensões da vida em sociedade, tais como o cotidiano, as mentalidades, as relações políticas, sociais, afetivas, familiares, a cultura, as festas, a alimentação, o lazer, etc. Os livros didáticos e as diferentes fontes e linguagens – mapas, artigos de jornal, canções, poemas, cinema, fontes orais, objetos, obras de arte e outras – contribuem para um trabalho que articula as experiências vividas ao conhecimento produzido em diferentes lugares.

A problematização das vivências de professores e alunos, na sala de aula, além do diálogo com textos e imagens, facilita a recuperação do presente e do passado de forma dinâmica e processual. O ponto de partida, diga-se novamente, é o sujeito histórico. As crianças e os professores são protagonistas da história e não meros coadjuvantes ou espectadores. Isso pode ser feito de forma dinâmica, evitando-se o "presentismo" (privilégio do presente, sem articular com outros tempos) ou o "passado pelo passado", sem relação com outros tempos. O diálogo presente/passado/presente e futuro devem perpassar as diferentes situações e atividades pedagógicas. Vários materiais, suportes podem nos ajudar, como, por exemplo, os livros didáticos e paradidáticos existentes na biblioteca da escola porque constituem fontes, meios, ferramentas, espaços, documentos e suportes que contêm as marcas de seu tempo. Logo, são elementos mediadores das relações professor, aluno, saberes e práticas.

Nesse sentido, devemos evitar a fragmentação dos temas, dos recortes espaciais e temporais, como se fossem unidades estanques. O trabalho pedagógico na sala de aula não pode desconhecer ou desconsiderar a complexidade do conhecimento, as multidimensões e a globalidade dos temas e dos problemas. Ensinar História de forma estanque, fragmentada e isolada se distancia do atual momento histórico vivido por nós, pois os modernos meios de comunicação, como a TV, o rádio, os jornais, a imprensa e a Internet, redimensionaram nossas relações espaço-temporais. Assim, devemos evitar, por exemplo, o isolamento e a fragmentação do estudo de temas da história do local ou o local pelo local. Alguns professores bem-intencionados têm a maior dificuldade em "sair do bairro". Ora, o cotidiano do aluno não se limita ao vivido em seu bairro, em sua comunidade, mas é atravessado por informações, vivências e referências do resto do mundo. A globalização não só está presente entre nós, como também marca significativamente o nosso cotidiano. Cabe ao professor a tarefa de articular o singular e o geral, o micro e o macro, o local, o nacional e o universal. Esse exercício extrapola os limites dos materiais didáticos. Exige do professor um constante processo de atualização. Veremos isso em capítulo específico.

Outro pressuposto metodológico das práticas de ensino de História nos anos iniciais é o trabalho inter e transdisciplinar. A interdisciplinaridade não é nenhuma fórmula milagrosa, capaz de resolver os problemas de aprendizagem. É, sim, uma atitude que se caracteriza pela ousadia da busca, pela inquietação. Experiências pedagógicas desenvolvidas em diferentes realidades apontam caminhos de construção de práticas interdisciplinares em nossas escolas. A incorporação de diversas fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem são, assim, um pressuposto e um caminho. Veremos isso detalhadamente no próximo módulo. Conforme já explicitado, acreditamos que o professor, ao ensinar História, deve incorporar as noções transmitidas no processo de socialização da criança ao mundo vivido fora da escola, à família, ao trabalho, aos espaços de lazer, aos diversos ambientes sociais e educativos, etc. A prática pedagógica nos primeiros anos do ensino fundamental é espaço fértil para germinar essas concepções, não é? Vamos pensar: o estudo de História e das outras disciplinas não parte dos problemas do cotidiano, do meio, da realidade mais próxima do aluno? Nessa abordagem, a interdisciplinaridade não é mais favorecida e cultivada? O trabalho com a arte, a imaginação e a criatividade não fazem parte do cotidiano de professores e alunos?

Reiteramos que são fontes do ensino de História todos os veículos, materiais, vozes e indícios que contribuem com a produção e difusão do conhecimento e são responsáveis pela formação do pensamento crítico, tais como os meios de comunicação de massa (rádio, TV, imprensa em geral), a literatura, o cinema, as fontes orais, monumentos, museus, arquivos, objetos, canções, etc. Os livros didáticos e paradidáticos como fontes, suportes de trabalho, ajudam alunos e professores a acessar e compreender esse universo de linguagens. Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem.

Atividade Complementar

Releia o texto e faça uma síntese dos pressupostos metodológicos defendidos pelas autoras.

Considerações finais

Nesse módulo abordamos diferentes concepções teóricas que fundamentam os saberes e as práticas de ensino de História mais comuns nas escolas brasileiras. Partindo do pressuposto de que a história estuda as ações humanas nos diferentes tempos e espaços, ressaltamos as mudanças, as contradições, as diferenças, as continuidades e as descontinuidades na forma de fazer, pensar, investigar, ensinar e escrever a História. Durante os séculos XIX e XX, conviveram nos espaços acadêmicos e escolares diferentes concepções, sendo que na educação escolar brasileira, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, predominou a chamada história tradicional. Nas últimas décadas do século XX, a história nova passa a ser incorporada, o que representou a ampliação e a diversificação dos temas, problemas, fontes de estudo e as metodologias de ensino. Questões, até então, distantes dos currículos de História do ensino fundamental chegam até nós, hoje, por meio de livros e materiais didáticos renovados. O papel da História como disciplina crítica e formativa passou a ser defendido como importante espaço de socialização e formação cidadã!

Portanto, construímos muito, mas há muito por fazer. E, para realizar mudanças, acreditamos que essas devem vir acompanhadas de significativa melhoria nas condições de trabalho dos professores e de mudança pedagógica na formação inicial e continuada do docente. Como sabemos, a formação se dá ao longo da história de vida dos sujeitos, nos diferentes tempos e espaços e, sobretudo, na ação, na experiência do trabalho docente. É na ação que os saberes do professor são mobilizados, reconstruídos e é quando assumem diferentes significados. Isso exige de nós, professores, sensibilidade, postura crítica e reflexão permanente sobre nossas ações, sobre o cotidiano escolar, no sentido de rever nossos saberes e práticas. Reafirmamos: cultivar uma postura reflexiva evita que os próprios docentes cultivem atitudes e preconceitos que desvalorizem a experiência de grupos sociais, étnicos ou religiosos. Possibilita cultivar atitudes de tolerância e respeito à diversidade, e de crítica à desigualdade. (Fonseca, 2009).

Nessa perspectiva, ensinar e aprender História no atual contexto sociopolítico e cultural requer que retomemos uma velha questão, que é o papel formativo do ensino de História. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar que tem papel fundamental na formação do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças, desigualdades e contradições múltiplas. Muito além da simples memorização mecânica de datas, fatos, acontecimentos e nomes de personagens, precisamos questionar e buscar compreender o como e o porquê das experiências históricas. Esse é o nosso desafio e a nossa luta.

Módulo 2

Benjamim, Walter. *Magia e Técnica, arte e política – obras escolhidas.* 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985

BOSCHI, Caio C. *Por que estudar História?* São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. BRASIL. MEC. *Guia dos livros didáticos: PNLD 2010: História.* Brasília, MEC, SEB, 2009.

__________. *Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia.* Brasília: MEC, SEF, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática do Ensino de História.* Campinas, SP: Papirus, 2008.

__________. *Fazer e ensinar História.* Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

GOODSON. Ivor F. *Currículo - teoria e história.* Petrópolis: Vozes, 1995.

RÜSEN, JÖRN. *Razão Histórica.* Brasília: Editora UNB, 2001.

SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido.* Campinas, SP: Papirus, 2007.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *A pesquisa em história.* São Paulo: Ática, 2007.

Figuras

FIGURA 5: Biblioteca pública, Bento Gonçalves, RS

Fonte: http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/sites/6700/6728/Noticias2008II/BibliotecaPublica.gif

FIGURA 6: Pessoas no museu, Illinois, Chicago

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chicago_Illinois_-_Sue_the_TRex-_Field_Museum2.jpg

FIGURA 7: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Unicamp_BC.jpg

FIGURA 8: Manifestação cultural no Brasil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Berlin_Karneval.jpg

FIGURA 9: Reunião do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Fonte: http://www.rolimdemoura.ro.gov.br/img/noticias/ibge.jpg

FIGURA 10: Coleta de dados do censo, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Fonte: http://www.aen.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/7702/normal_IBGE1.jpg

FIGURA 11: Funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE na rua, em coleta de dados para o censo

Fonte: http://www.tocosdomoji.mg.gov.br/files/ibge.jpg

FIGURAS 12: Objetos do Museu de Berlim

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Misc_objects_Egyptian_museum_Berlin_(3).jpg

FIGURAS 13: Documentos

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Documentos_del_AHP_de_Cuenca.jpg

FIGURAS 14: Mapa político brasileiro

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_Political_Map.svg

FIGURA 15: Título Eleitoral Brasileiro

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:TituloeleitorBrasil_modelo.jpg

FIGURA 16: Livro brasileiro infantil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joao_V%C3%ADtor.jpg

FIGURA 17: Livro

Fonte: Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas / Autora Selva Guimarães Fonseca, org.— Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

FIGURA 18: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Campinas, SP: Papirus, 1993. – (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FIGURA 19: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar História. Belo Horizonte: Dimensão, 2009. 296p.

FIGURA 20: Livro

Fonte: FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Ensino de História. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FIGURA 21: Livro

Fonte: Brasileiro, Jeremias. (1959). Cultura Afro-Brasileira na Escola: o congado em sala de aula. Jeremias Brasileiro – Uberlândia, 2009. 64 p.

FIGURA 22: Livro Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido

Fonte: SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FIGURA 23: Livro Lei de diretrizes e bases da educação nacional

Fonte: Brasil. [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)]. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9394/96 / apresentação Carlos Roberto Jamil Cury; Edição Antônio de Paulo. 10. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (Legislação brasileira; 7. Série A)

FIGURA 24: Livro

Fonte: Estatuto da Criança e do Adolescente. (CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Campinas). 12ª Ed. SP. 2003.

FIGURA 25: Passaporte Brasileiro

FIGURA 26: Manifestação cultural

Fonte: http://www.sxc.hu/photo/582435

FIGURAS 27: Figuras de barro Entrada do Espaço Cultural Tancredo Neves, Caruaru - PE

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caruaru-figuras-de-barro.jpg

FIGURA 28: Festa religiosa no Brasil

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Religious_Festivity_-_Tiradentes_-_Brazil.jpg

FIGURAS 29: Festa popular no Brasil – Grupo de capoeira

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Joao_pequeno.JPG

FIGURA 30: Objetos de arte

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Objects_of_Art_in_Rembrandt_House-Museum.jpg

FIGURA 31: Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, MG

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nu_Agusto.jpg

FIGURA 32: Indígena

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xucuru.jpg

FIGURA 33: Museu Histórico do Mati, Campo Largo, PR

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:ApetrechosMateSeculoXIX.JPG

FIGURA 34: Biblioteca Victor Civita, São Paulo, SP

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bibliotecavictorcivita.jpg

FIGURA 35: Crianças realizando a Provinha Brasil, Curitiba, PR, 30/03/2009

Fonte: http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/Multimidia/Imagem/FotoAmpliada/1564.jpg